

Os novos discursos sobre educação e trabalho ou a falsificação da cópia

O QUE PASSOU A ACONTECER NOS ÚLTIMOS TEMPOS, ONDE AS NOVAS RETÓRICAS SOBRE EDUCAÇÃO E TRABALHO SÃO EMBLEMÁTICAS, É QUE O DISCURSO GESTIONÁRIO ABSORVEU AS FORMULAÇÕES PRODUZIDAS PELOS DISCURSOS ALTERNATIVOS.

Se é verdade que, ao contrário do que pensam os dogmáticos, as formulações teóricas não são impermeáveis às modificações e, trocando de pena como sói acontecer com ideias-força, permanecem vivas noutros contextos ou com outras cores, nem sempre contudo isto resulta da *tensão dialéctica* que a *gula* pela busca de novas sínteses conceptuais desperta. As transmutações também podem revelar-se fraudulentas. A este respeito, os novos discursos sobre educação e trabalho são um exemplo paradigmático.

Não é necessário repisar muitos dados - tendo-se ainda os impedimentos para tal num artigo como este - no sentido de demonstrar que, nos últimos tempos, se tem verificado uma intensa metamorfose discursiva no campo temático *educação & trabalho*. Trata-se de um processo, nos contextos de trabalho, que aprisiona a dimensão social das novas tecnologias e utiliza a flexibilidade que elas proporcionam como forma de instituir *um gerir* cuja lógica predominante, globalmente, é a apropriação privada dos resultados obtidos. Entretanto, este *modo de gerir flexível* não se coaduna com as categorias discursivas que tradicionalmente deram expressão às relações no mundo do trabalho. É por esta via que surge a metamorfose retórica.

Sabe-se que o estilo de gestão tradicionalmente consagrado, à *taylorismo*, preza por relações mecânicas e repetitivas, sem margem para movimentos autónomos. Mais ainda, no passado, era difícil dissociar as organizações de grandes aparatos burocráticos, com hierarquias rigidamente estruturadas. Aliás, o próprio Estado, nos regimes totalitários, era isto. Tal configuração foi tomada em consideração por análises sociológicas de cariz weberiano, tendo estas sido popularizadas sobretudo, nos anos 1940-1960, pela crítica trotskista aos aparelhos de Estado totalitários. Isto é, a rejeição à rigidez hierárquica e a defesa de categorias como *autonomia*, *criatividade* e *participação* emergem inscritas no mapa dos discursos alternativos, não institucionalizados, sendo elas portadoras de uma lógica que não se reduz à sua mera designação abstracta, pois têm a intencionalidade de construir novas relações de sociabilidade e estruturar novas dinâmicas políticas.

Todavia, o que passou a acontecer nos últimos tempos, onde as novas retóricas sobre educação e trabalho são emblemáticas, é que o discurso gestionário absorveu as formulações produzidas pelos discursos alternativos, o que o fazendo como instância normativa, evidentemente as depura da intencionalidade que lhes fornece conteúdo. E é assim que os novos discursos sobre educação e trabalho revelam-se como uma *falsificação da cópia*.

Dessa maneira, noções como a de *trabalho em equipa* e de *formação polivalente*, longe de representarem *autonomia*, no sentido daquele/a que se governa por si próprio/a - o que, decerto, pressupõe atenção aos universos do cooperativismo e da autogestão -, e *formação integral*, no que concerne às múltiplas dimensões ontológicas, pelo contrário, consubstanciam subtis estratégias de *centralização-descentralizante* e de *formação unidimensional*, compromissada esta com padrões societais que são apresentados sem que se tenha possibilidade de se discutir a pertinência da opção por eles. Portanto, operando com elaborações que são originárias das perspectivas alternativas, os novos discursos sobre educação e trabalho se enformam com categorias que os contradizem, não só por elas serem exógenas a eles, mas fundamentalmente por terem sido constituídas com uma intencionalidade que é incompatível com as pressuposições dos mesmos.

Por assim ser, apesar de os novos discursos sobre a relação educação e trabalho recorrem aos mais variados recursos retóricos, eles não conseguem ocultar o seu carácter perante uma abordagem sócio-histórica. Apoiada na objectividade. Analiticamente, esta nos diz o que as coisas são: uma falsificação da cópia.